

Reflexões sobre a convergência do pensamento de Paulo Freire e de Edgar Morin: contribuições para a formação docente

Alex Costa da Silva

María Elena Infante-Malachias

Resumo

Este trabalho de natureza teórica tem como propósito investigar e apresentar detalhadamente algumas das ideias convergentes nas obras: *“Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa”* De Paulo Freire e *“Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”* de Edgar Morin. Ambos os autores percebem o conhecimento como a possibilidade de conhecer que contrasta com a idéia de acúmulo de saberes própria do senso comum. Eles destacam a importância de se considerar a complexa dimensão humana para a compreensão da educação e da sociedade como um todo, destacando o componente emocional. A proposta de estar sempre aberto às novas idéias e revendo as anteriores, para que estas não se tornem objeto da racionalização que gera cegueiras e incompreensões é fundamental. A análise aqui apresentada pode se constituir em subsídio para a promoção de discussões e debates entre professores e profissionais vinculados à educação, que efetivamente possam contribuir para uma reorientação e humanização das práticas educativas.

Palavras-chave: Paulo Freire, Edgar Morin conhecimento humano, prática reflexiva.

Reflections on the thought convergence of Paulo Freire and Edgar Morin: contributions for teacher's formation

Abstract

This works aims to find out convergent ideas of Freire and Morin in their works *“The Pedagogy of Autonomy: Necessary Knowledge that Leads to Educational Practice”* and *“Seven complex lections in education for the future”*, respectively. Both authors conceive knowledge as the possibility of knowing, conflicting with the idea of knowledge accumulation, characteristic of common sense. They emphasize the importance of considering human complex dimension for the comprehension of education and society as a whole. Also defend the idea of men having an attitude of continuous aperture to new ideas and continuous revision of old ones, valorizing affective and emotional aspects. This continuous process of aperture and revision should avoid that ideas become rationalization objects, fact that generate blindness and incomprehension. The analysis presented here can be a subsidiary element for promoting discussions and debates between teachers and education professionals that could effectively contribute to reorientation and humanization of educational practices.

Key words: Paulo Freire, Edgar Morin, human knowledge, reflective practice.

INTRODUÇÃO

A maneira como se dá o processo de aprendizagem do ser humano, expressa a especificidade da sociedade da qual o mesmo faz parte e a intrínseca relação que o une intelectualmente a todos aqueles presentes no seu cotidiano. Este processo consiste, portanto, numa experiência social de intensa interação dos indivíduos através da linguagem, mas também de suas ações (VYGOTSKY, 2003), que de maneira dinâmica constroem, destroem e reconstroem o conhecimento, isto possibilita que cada indivíduo se torne um sujeito consciente do seu desenvolvimento.

O professor, na sua prática profissional e na dinâmica da sua constituição profissional, deve ser considerado não só na quantidade de conteúdos adquiridos e a maneira de articular estes para ensiná-los, mas em sua capacidade de rever seu ensinar, bem como o referencial teórico que o embasa (LIBÂNEO & PIMENTA, 1999). Tal tarefa não é nada simples, pois requer que este profissional tenha contato com outras teorias, concepções e perspectivas sobre a realidade que não se restringem ao ambiente educativo formal.

É nesse sentido que sugerimos as perspectivas teóricas dos pensadores Freire e Morin – que permitam aos professores analisar criticamente e compreender os diversos contextos em que se dá a sua atividade profissional. Para a compreensão destes contextos (histórico, político, social, cultural, específico e organizacional) entendemos que é fundamental que tais perspectivas sejam oferecidas ao professor desde o início da sua formação docente, quando do seu ingresso em um curso de formação inicial, como as licenciaturas ou pedagogia. Acreditamos assim ser possível superar as barreiras epistemológicas presentes entre os diferentes saberes que precisam ser organizados e discutidos na formação dos professores (INFANTE-MALACHIAS & CORREIA, 2007).

O professor em processo de formação inicial precisa ter uma visão ampla e profunda sobre a complexa realidade em que se insere a sua prática educativa, bem como refletir sobre o sentido ético e político da mesma. No entanto, este processo de reflexão e de ampliação do conhecimento, como uma prática que deve ser incorporada à sua atividade profissional, tem sido mal compreendido. Em geral,

nas últimas décadas tem-se confundido a noção de profundidade de conhecimento com especialização, isto é, o saber muito sobre um assunto em particular, e desconhecer outros essenciais ao exercício da docência. O modelo que aparentemente tem-se imposto à sociedade da informação e não necessariamente sociedade do conhecimento, e conseqüentemente também ao professor, é aquele do especialista “que sabe muito sobre quase nada”.

A apresentação acrítica de perspectivas teóricas não constitui um elemento que favoreça a formação reflexiva nem a transformação da realidade. Para MATURANA E VARELA, (2007), a reflexão é um processo de conhecer a forma como conhecemos, para os autores “... é um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir as nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos” (2007, p, 30).

A partir da perspectiva de Paulo Freire, a profundidade de conhecimento consiste em conhecer com propriedade e domínio algum assunto em seu contexto; compreender as relações que o legitimam e suas diversas dimensões: histórica, cultural, e política. Por outra parte, esse conhecimento consiste também em saber articular as informações com a atualidade, estando disposto às mudanças.

Em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* – escrito um ano antes de sua morte, após toda uma vida dedicada à educação, que ele fazia obrigatoriamente progressista e libertadora, Freire apresenta todas as suas idéias não apenas teorizadas e sim experienciadas ao longo de uma vida de verdadeiro encontro entre teoria e prática. Na obra o autor rediscute temas que considerou relevantes e sobre os quais vinha refletindo melhor, segundo ele mesmo afirma nas “Primeiras palavras” que iniciam o livro.

A prática educativa de Paulo Freire não se reduz, pois ainda permanece viva por meio de suas obras, ao conteúdo de livros e programas/currículos elaborados por qualquer governo, pois a educação, para ser autônoma, deve ser crítica, política, epistemológica e com ampla visão do ser humano como um todo. Ele nos convida a olhar criticamente para o mundo de que fazemos parte e a sonhá-lo melhor, mais bonito, mais ético, mais humano; acreditando que este sonho pode se tornar real através da educação. Freire possibilita que o outro diga a sua palavra, expressando seu pensamento, suas opções e seu modo de ser (OLIVEIRA, 2003).

Em *Pedagogia da autonomia*, ele nos faz um convite para viver a práxis do sonho possível.

Edgar Morin foi o intelectual escolhido pela UNESCO para tratar da transdisciplinaridade inerente à educação, sobretudo com o advento do século XXI.

Diante da cultura da segregação dos saberes em consequência do neoliberalismo, urge à sociedade do conhecimento reaprender a relacioná-los, compreendendo a importância disto para a educação humana neste novo século. É isso que ele nos oferece em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*.

Formado em Direito, História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Epistemologia, Morin é autor da teoria do pensamento complexo em que defende a interligação entre os saberes e a reforma do pensamento. Possui rica obra com mais de trinta livros, dentre os quais *Religação dos saberes*, *Cabeça bem feita* e *O método* (verdadeiro tratado epistemológico), em que trata de conhecimento, educação, cultura e sociedade. Além desses, outros fatores, que certamente não escaparam à sensata escolha da UNESCO, fizeram de Morin digno de tal missão, cumprida com sucesso.

Na perspectiva de Edgard Morin, o conhecimento produz cegueiras e enganos, gera certezas que podem separar e dividir. Assim como na visão Freireana, ele indica de outra maneira, que existe um conhecimento pertinente que poderia nos tornar mais humanos.

A preocupação de aprofundar tais questões e estudar a convergência de pensamento desses autores surgiu a partir das obras supracitadas utilizadas na disciplina Fundamentos da Didática, do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. A disciplina Fundamentos da Didática é ministrada no primeiro ano e pretende contribuir para a formação inicial do professor mediante o uso de atividades narrativas e autobiográficas. Nela são analisadas as especificidades do trabalho docente na situação institucional escolar, buscando-se compreender a relação professor-aluno-conhecimento, de maneira a criar espaços de reflexão, para que o professor em formação inicial tenha condições de discutir a partir da teoria e posteriormente criar alternativas de atuação na realidade. Entre os objetivos desta disciplina pretende-se analisar o papel da didática como elemento de iniciação na formação do professor; discutir e refletir sobre a formação da identidade do

professor; propiciar elementos de discussão no contexto das relações entre educação e sociedade; identificar os principais modelos do pensamento educacional, seus representantes assim como as contribuições que cada um dos modelos apresentados oferece à ação educativa do professor de Ciências.

Outros autores também abordam certas semelhanças percebidas entre as idéias de Freire e Morin, o que demonstra a patente convergência entre os mesmos. É o caso de ROMÃO (2000) com a publicação *Educação no século XXI: saberes necessários segundo Freire e Morin*, e de NASCIMENTO (2007), que publicou *Da educação como prática da liberdade à inteligência da complexidade: diálogo de saberes entre Freire e Morin*. Entretanto, o primeiro conduz uma análise da educação para o século XXI fundamentado no relatório da UNESCO *Educação – um tesouro a descobrir*, coordenado por Jacques Delors, e a segunda foca o seu trabalho mais para o conceito de complexidade. O nosso objetivo com este trabalho é discutir as implicações formativas que as duas obras analisadas têm para a atuação do professor.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da análise e interpretação das idéias convergentes dos autores Paulo Freire e Edgar Morin foi utilizada a metodologia interativa hermenêutico-dialética para pesquisa qualitativa, de Oliveira, (2007). Este tipo de análise se fundamenta na preocupação da análise do conteúdo (BARDIN, 1977), sob o ponto de vista da análise de conceitos, como uma estratégia de investigação qualitativa com dados teóricos. Nesta abordagem metodológica a análise de conceitos requer uma tomada de posição do pesquisador que é uma interpretação (hermenêutica), no entanto a interpretação aqui tentou evitar a arbitrariedade das opiniões prévias. Assim, os procedimentos gerais para a utilização da metodologia interativa hermenêutico-dialética foram organizados sequencialmente como segue: Leitura cuidadosa das obras foco desta pesquisa; Identificação de categorias teóricas (sendo várias delas as temáticas abordadas pelos autores); Identificação das unidades de análise: componentes (palavras, frases) ou itens de significação na

construção dos conceitos importantes; Análise interativa: interpretação dos conceitos a partir do referencial teórico, fazendo-se uma interpretação dialética dos conceitos em sua totalidade e a conexão entre os componentes identificados na construção desses conceitos.

AS CONVERGÊNCIAS ENTRE O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE FREIRE E MORIN

A leitura e análise das obras *“Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa”* de Paulo Freire e *“Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”* de Edgar Morin permitiu uma primeira aproximação às convergências do pensamento educacional destes autores. Considerando que existe a necessidade de uma prática reflexiva do professor, e que a mesma deve começar durante a formação inicial, selecionamos algumas idéias que podem contribuir com o debate e a análise da realidade, essenciais para a formação do profissional docente. Discutiremos a seguir algumas destas idéias.

A IDEALIDADE

A racionalidade

É proposto pelos dois autores que a educação deva ensinar a pensar certo ou raciocinar. É um processo que está além daquilo que simplesmente percebemos na leitura que fazemos do mundo, do outro e de nós mesmos. Implica estabelecer relações com o real, aquilo que podemos verificar, questionando-o e questionando-nos.

É a racionalidade que nos conduz ao conhecimento – Freire diria que é o “pensar certo”, que, em suma, tem o mesmo sentido –, mas ela não se exime dos

fatores afetivos e emocionais inerentes ao ser humano. Pelo contrário, tem-nos em consideração no processo de averiguação e crítica das idéias construídas.

No entanto, a racionalidade incorre no risco da recusa à comprovação de tais idéias, o que a transforma em racionalização, não admitindo qualquer tipo de contestação, como no caso das doutrinas e dogmas.

Contra a racionalização, Morin propõe que na educação do futuro se ensine o “princípio da incerteza racional”, que consiste em submeter à racionalidade à constante autocrítica para que não se falseie. Para Basalobre (2007):

O pensamento complexo compreende o princípio da incerteza tal como formulado pelo físico Werner Heisenberg, um dos fundadores da mecânica quântica. Esse princípio tem sua base assentada na falibilidade lógica, no surgimento da contradição e na indeterminabilidade da verdade científica. O pensamento complexo é desprovido de fundamentos de certezas absolutas e permeia os diversos aspectos do real. Em sua obra, Edgar Morin não se esquivava do princípio da incerteza que vem norteando os caminhos da ciência e das sociedades, assumindo-se como uma crise planetária, mas, ao contrário, sugere que se tente buscar compreender essas contradições a partir da convivência com elas e da quebra das fronteiras entre os saberes. (BASSALOBRE, 2007, p.154).

A proposta de Freire não é diferente desta perspectiva uma vez que segundo ele “uma das condições necessárias ao pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas”. (FREIRE, 1998, p. 28). O mesmo autor observa ainda que “é difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios”. (FREIRE, 1998, p. 49).

Portanto, é a nossa própria racionalidade o que nos permite identificar nossas racionalizações. De forma mais clara, é a racionalidade que nos impede de cometer racionalizações através do auto-questionamento.

A POSSESSÃO PELAS IDÉIAS

Idéias são frutos da nossa criação racional ou também imaginária – como o são as lendas, as crenças, os mitos e os deuses. Surgem a partir de um ou mais indivíduos e vão aos poucos se disseminando por todo um grupo social e pode atingir também outros grupos. A partir disso, passam a dominar a sociedade, tornando-se a razão de sua existência. O indivíduo que nasce nesse meio, cresce também tomado por elas. Para Morin “as crenças e ideias não são somente produtos da mente, são também seres mentais que têm vida e poder e podem possuir-nos”. (MORIN, 1995, p. 28).

Tais crenças são tão poderosas que podem levar o homem a matar ou morrer por elas, quando levadas às últimas conseqüências. Embora devamos respeitar a diversidade cultural, a legitimidade deste tipo de atitude é no mínimo questionável. Excelente exemplo é dado por Freire ao se posicionar claramente nas primeiras palavras da sua Pedagogia da autonomia: “estou com os árabes na luta por seus direitos, mas não pude aceitar a malvadez do ato terrorista nas Olimpíadas de Munique”. (FREIRE, 1998, p. 15).

Afora os extremismos, ainda para Freire “ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica” (FREIRE, 1998, p. 125), e que a ideologia nos torna míopes. Morin também comenta a respeito, concordando que “o mito e a ideologia destroem e devoram os fatos” (MORIN, 1995, p. 30). Segundo ele, as idéias (idealidade, com racionalidade) são o que nos mantêm lúcidos de idéias (idealismo, produto da racionalização). Análogo a isso, Freire nos diz “na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias” (FREIRE, 1998, p. 132). Portanto, a educação requer que tomemos consciência da própria possessão, em outras palavras, que reconheçamos a nossa miopia.

A ACEITAÇÃO DO NOVO

A consciência da cegueira que nossas ideologias podem causar é necessária para que não tenhamos o que chamamos de “postura de recusa imediata” àquilo que mal se conhece porque é novo e ainda estranho. Isso exige de nós um constante estado de atenção. Tal postura é como uma fronteira que cerca

nossa possibilidade de conhecer. Dessa forma, nossa curiosidade é afugentada pelas ideologias que nos dominam. Morin alerta que: “é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo”. (MORIN, 1995, p. 30). Freire também se refere a isso quando afirma que é: “tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente”. (FREIRE, 1998, p. 28).

Ele se alonga nesse assunto no capítulo “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”, onde muito bem observa, complementando a idéia de aceitação, que o critério para “a aceitação do novo e recusa ao velho não é apenas cronológico” (FREIRE, 1998, p. 35).

Assim, os velhos saberes que permanecem válidos, pois verificáveis, continuam novos. E os saberes novos, se não condizentes, tornam-se imediatamente velhos, pois inválidos. Portanto, o que define o novo ou o velho, o que deve ser aceito ou recusado, é a validade, que precisa ser verificada. A educação deve ter e ensinar a receptividade crítica, essa disposição a explorar o desconhecido, antes de desconsiderá-lo.

O Conhecimento

Incerteza e curiosidade

Pelo que até agora foi exposto, o verdadeiro conhecimento que deve ser ensinado e aprendido reciprocamente, advém da nossa racionalidade, que, no entanto, precisa ser questionadora e autoquestionadora para que não se torne racionalização. Estamos sujeitos a não enxergá-lo – possuídos por nossas ideologias – e este, o conhecimento, está sempre se renovando, tendo como base a verificação que fazemos de sua validade.

Com isso percebemos que o conhecimento não é algo dado, estático e irrefutável. Pelo contrário, possui, e não poucos, equívocos (erros e ilusões) e não é objeto a ser distribuído por quem o detém a quem dele carece. É sim explorar e desbravar um rumo sem saber aonde se vai chegar. Não é o feito pronto, mas o fazendo e refazendo por autores e coautores.

Temos assim, mais uma idéia convergente: a do conhecimento como possibilidade. Ela é tratada logo no primeiro saber de Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1998, p. 22). Nas palavras de Morin: “daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer”. (MORIN, 1995, p. 31).

E o que nos move nessas possibilidades que é o conhecimento é o que Morin denomina “incerteza”, que para Freire é a “curiosidade”. A incerteza/curiosidade do conhecimento simplista (senso comum) é a mesma presente no conhecimento complexo (epistemológico), mas o desenvolvimento deste só é possível através da nossa capacidade crítica.

CONHECIMENTO PERTINENTE E CONHECIMENTO EPISTEMOLÓGICO

Outros dois pontos em que ambos os autores convergem são a contextualização do conhecimento e o caráter multidimensional do ser humano e da sociedade. Ter conhecimento não se reduz a reter informações, ao contrário do que se possa pensar num primeiro instante. Somos submetidos hoje a inúmeras informações sobre os mais variados assuntos e de diversas formas de veiculação: através de publicações impressas, do rádio, da televisão e, cada vez mais, da internet. Portanto, a dificuldade não está em obter informação. A questão é: o que fazer com esse pandemônio para que nos faça algum sentido, ao invés de parecer um amontoado de conteúdo disperso e assemântico?

Tendo em vista essa questão, Freire e Morin destacam a importância da contextualização do conhecimento na promoção de uma educação eficaz. Isso

significa que é necessário ensinar a situar e articular o que se pretende conhecer em seu contexto.

De um ponto de vista pedagógico, Freire propõe que sejam aproveitados os saberes e as vivências dos educandos discutindo a razão de ser de suas realidades. De forma mais ampla, Morin observa que: “o conhecimento, ao buscar construir-se com referência ao contexto, ao global e ao complexo, deve mobilizar o que o conhecedor sabe do mundo”. (MORIN, 1995. p. 39).

A essa integração conhecimento-conhecedor, Morin denomina “ecologização”. No entanto, esse saber fica incompleto se desconsiderada uma segunda questão. A educação de que tanto se fala é uma especificidade humana, segundo Freire, o que nos remete a compreender, sobretudo o ser humano e a humanidade. É voltando-se a essa lacuna que os autores consideram fundamental reconhecer e assumir as diferentes dimensões humanas, tanto individuais – biológica, afetiva, psíquica e racional, por exemplos – quanto coletivas – histórica, econômica, política e religiosa.

A FALSA RACIONALIDADE E A BUROCRATIZAÇÃO DA MENTE

A educação que desconsidera as dimensões humanas por trás dos educandos, tratando-os de forma mecanicista e impositiva é conivente com o que Morin denomina “pensamento tecnocrático” – a falsa racionalidade –, que para Freire é a “burocratização da mente”.

Essa forma de pensar, que dominou o século XX, tolhe o diálogo e nos impede de enxergar as conseqüências de nossas práticas. A educação é constituída essencialmente pelo diálogo, que não significa apenas expor as próprias idéias, mas também expor-se às do outro. Nas palavras de Freire “*falamos* com e não para o outro”, pois, como já mencionado, a educação é composta por autores e coautores, todos contribuem. Sem o diálogo somos dominados facilmente por nossas ideologias que nos vendam diante das conseqüências, muitas vezes negativas, de nossos atos.

O caminho indicado pelos autores é voltar-se ao humano. Morin nos questiona: “não deveria o novo século se emancipar do controle da racionalidade mutilada e mutiladora, a fim de que a mente humana pudesse, enfim, controlá-la?” (MORIN, 1995, p. 45). Em relação a este aspecto Freire afirma:

Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como mulheres e homens, como gente não aprofunde o que hoje já existe como mal-estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal-estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo “genteficado” serão armas de incalculável alcance. (FREIRE, 1998, p. 128).

Dessa forma, a pergunta sugestiva de Morin aponta na mesma direção que a afirmação de Freire, como que num verdadeiro diálogo, alertando para o perigo da “racionalidade burocratizada” – aqui fundindo as duas terminologias.

A HUMANIDADE

O ser humano

A “hominização”, o “genteficar” a humanidade, apesar da confusão que o aparente pleonasma pode causar, consiste em trazer para o centro da discussão e análise o ser humano, sem perder de vista sua complexa relação com o mundo. É tornar o homem objeto de investigação considerando o amplo contexto em que está inserido para, compreendendo-nos, passarmos à condição de sujeitos, atuando de forma consciente, crítica e ética no mundo.

Não podemos pretender o avanço tecnológico e a globalização econômica sem antes conhecer o ser a quem esses processos se destinam, a quem

são feitos e todas as implicações que a ele acarreta. Essa é a discussão a que deve estar voltada a educação. Educação que deve, sobretudo, assumir-se humana, reconhecendo as suas condições biofísicas e psico-sócio-culturais que também caracterizam os referidos processos.

Essas duas características fundidas em uma, é o que Morin denomina “unidualidade”. Segundo ele, o homem é: “um ser plenamente biológico, mas se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível”. (MORIN, 1995, p. 53). Ao que Freire complementa: “quanto mais cultural é o ser, maior a sua infância, sua dependência (...) dos outros animais”. (FREIRE, 1998, p. 50). A dependência cultural do homem é o que o distingue, pelo exemplo de Morin, dos primatas logo na infância. É notável a concordância de Freire quanto a isso, principalmente ao expor: “a construção de minha presença no mundo (...) não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente”. (FREIRE, 1998, p. 53).

Mais que duo, o ser humano é múltiplo (*unitas multiplex*), repleto de certas características comuns aos indivíduos e outras próprias de cada um. Uma das tarefas mais importantes da educação é ensinar essa complexidade, e ensinar a partir dela, pois é compreendendo o homem que compreendemos a sua educação. Assumindo-nos como tal que podemos educar e educarmo-nos, conhecendo e superando as barreiras biofísicas e psico-sócio-culturais a que estamos “condicionados e não determinados”, como diria Freire.

A antro-po-ética e a ética universal humana

Inseridos nas sociedades, os indivíduos interagem entre si, criam e assimilam crenças e costumes, imprimindo a elas características específicas. Contudo, muitas crenças e costumes que existem antes do indivíduo, são por ele assimilados ou ao menos o influencia na definição de seu próprio modo de vida. Dessa forma, o indivíduo é produtor e produto da sociedade. Dessa relação recíproca surge a cultura.

Isso nos torna um pouco autores ou coautores de cada passo dado – e não necessariamente para frente – pela humanidade, da qual somos indissociáveis. Daí a importância de pensarmos com responsabilidade cada decisão que tomamos, cada ato que cometemos, considerando as devidas conseqüências que podem causar nos âmbitos individual, coletivo, social e humano como um todo. Os avanços do conhecimento devem servir para beneficiar o homem e não para destruí-lo.

Assumir o destino humano é assumir o retorno que o mundo nos dá às intervenções que fazemos nele. Uma ética que pense a íntima relação que há entre o indivíduo e a espécie e entre a espécie e o mundo deve ser ensinada pela educação que pretenda dar ao homem um futuro de vida e não de morte.

A COMPREENSÃO E O SABER ESCUTAR

Uma das características mais singulares do ser humano é a linguagem. Apesar da diversidade de idiomas existentes, que são as línguas faladas pelos diferentes povos do mundo, de forma geral é inerente ao homem, não só a capacidade, mas a necessidade de se comunicar, dada a sua convivência em sociedade.

A linguagem não é apenas uma forma qualquer de expressar pensamentos, idéias e sentimentos – que bem o podem ser feitos através da arte, dos sinais, gestos e símbolos. Ela procura ser precisa livre de ambiguidades, clara e direta. Apesar disso, essa forma de comunicação também está sujeita a ruídos, erros de interpretação, distorções e ignorância. Portanto, comunicar não implica compreender, mas transmitir de forma inteligível – o que não “garante a compreensão” (MORIN, 1995, p. 94).

Segundo Morin, a verdadeira compreensão humana é algo mais que comunicar. É tornar-se por um momento o outro com todas as suas peculiaridades para então compreendê-lo. “O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o ego alter que se torna *alter ego*.” (MORIN, 1995, p. 95).

Morin trata em ricos detalhes da compreensão reservando-lhe todo um capítulo, o IV, e é claro, porque a considera um dos saberes necessário. Mas em suma, é o que Freire denomina “saber escutar”. Façamos a comparação dos dois autores nos trechos que seguem: “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre subjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”. (MORIN, 1995, p. 95). Em consonância Freire afirma:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro às diferenças do outro. (FREIRE, 1998, p. 119).

Há de se observar que a abordagem de Morin é mais profunda no que se refere à questão dos mecanismos psíquicos. Mas inferimos que a *abertura* sugerida por ambos os autores não é apenas coincidência. Ela é necessária para não apenas nos ouvirmos ou comunicarmos, mas para de fato nos compreendermos ou escutarmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar as idéias e questionamentos relacionados à educação, com que Paulo Freire e Edgar Morin se preocupam, permitiu-nos refletir como se dá o complexo processo humano de conhecer. Esta perspectiva epistemológica que analisa o conhecimento a partir do sujeito que conhece como em Maturana & Varela (2007), nos aproxima de um olhar que conecta o biológico ao social; o individual ao coletivo e nos posiciona mais livres das certezas que nos cegam e nos fazem frequentemente negar as respostas e posturas dos outros.

As reflexões que as convergências de pensamento destes dois grandes pensadores geram, podem contribuir significativamente no processo formativo de profissionais da educação que precisam de espaços de discussão e

problematização. Para GOHN (2009) a conscientização trata-se de um processo focado em mudanças de comportamentos e atitudes, de incorporação a partir da reflexão de novos valores e práticas. “Para a autora este caminho favorece a interação a través da qual o pensar coletivo pode responder questões tais como “como fazer”; “como resolver”; ‘como agir”.

No penoso e eterno caminho para o conhecimento, o homem precisa de sua racionalidade para questionar a realidade e se auto-questionar, sempre atentando às suas próprias emoções e dispondo-se a contestar e ser contestado. Sem isso, suas idéias – verdadeiros “seres mentais” – o possuem, fechando-o aos novos – porque verificáveis – conhecimentos, os quais estão sempre se refazendo a partir de seus próprios enganos. É que conhecimento é possibilidade, é a incerteza curiosa que busca, às vezes encontrando, algum sentido naquilo que se observa, articulando-o em seu contexto. O próprio homem precisa ser (re) contextualizado em suas diferentes dimensões, se pretendemos conhecer-nos. Assumir-se humano é abrir-se ao diálogo, colocando-se no lugar do outro, compreendendo-o e compreendendo-se nele, porque membros da mesma humanidade, apesar das diferenças individuais.

Cada um de nós é, dessa forma, também responsável por tudo aquilo que o homem faz ou se omite. Daí a necessidade de uma antropo-ética, que deve ser ensinada-aprendida através da educação, uma educação que saia da acomodação ou apenas da reclamação para a conscientização.

Acreditamos que esta análise cumpriu a proposta de contribuir para aqueles para os quais os temas da educação são de grande interesse, principalmente os que se encontram na formação docente inicial. Da mesma forma, a própria análise permitiu que os autores trilhassem um caminho pelo processo reflexivo a partir de uma perspectiva epistemológica, biológica, cultural e profundamente humana.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Editora 70, 1977. 233p.

BASSALOBRE, Janete. A Educação em tempos de crise paradigmática: Análise da proposta de Edgar Morin. *Educação e Fronteiras*, Dourados, MS, v. 1, n. 1, jan./jul. 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13.ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.165p.

GOHN, Maria da Gloria. Paulo Freire e a formação de sujeitos sócio políticos. *Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional*. v. 5, n. 8, p 17-41. 2009.

INFANTE-MALACHIAS, María Elena; CORREIA, Paulo. Superando barreras epistemológicas. *Novedades Educativas*, Buenos Aires - Argentina, v.19, p.52-57. 2007

LIBANEO, José Carlos; PIMENTA, Selma. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 68, p. 239-277. 1999.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. 6. ed. São Paulo: Palas Athenas. 2007. 283p.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 1999. 102 p.

OLIVEIRA, Ivanilde. *Leituras Freireanas sobre educação*. São Paulo: UNESP, 2003. 120 p.

OLIVEIRA, Maria Marly. *Como fazer Pesquisa Qualitativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 2007. 182 p.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 191 p.

ROMÃO, José Eustáquio. Educação no século XXI: saberes necessários segundo Freire e Morin. *EccoS Revista Científica*, São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, v. 2 n. (2), p. 27-43. 2000

NASCIMENTO, Roberia Nádia. Da educação como prática da liberdade à inteligência da complexidade: diálogo de saberes entre Freire e Morin. *Biblioteca on-line de ciências da Comunicação*. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/> 2007> Acesso em:20 jun. 2011.

Alex Costa da Silva

Graduando do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (EACH/USP). São Paulo, SP e membro do grupo de pesquisa em epistemologia e ensino de ciências.

E-mail: alecs@usp.br

María Elena Infante-Malachias

Doutora em Ciências com Pós Doutorado em Ensino de Ciências e professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo, SP.

E-mail: marilen@usp.br